

OS NEGROS NO MERCADO DE TRABALHO DA RMBH EM 2007

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), a População em Idade Ativa (PIA) totalizou 4.210 mil pessoas, em 2007, sendo que cerca da metade (55,4%) era composta por negros, que são os indivíduos pretos e pardos. Essa proporção se manteve quase inalterada no segmento referente à População Economicamente Ativa (PEA), mas a parcela de negros foi expressivamente maior entre os desempregados (64,9%, contra 35,1% de não-negros).

**TABELA 1 – ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA (10 ANOS E MAIS), POR COR
 REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007
 (EM MIL PESSOAS)**

ESTIMATIVA	TOTAL	NEGRO	% DO TOTAL	NÃO-NEGRO	% DO TOTAL
População em Idade Ativa (10 Anos e Mais)	4.210	2.332	55,4	1.878	44,6
População Economicamente Ativa	2.564	1.436	56,0	1.128	44,0
Ocupados	2.251	1.234	54,8	1.017	45,2
Desempregados	313	203	64,9	110	35,1
Inativos	1.646	895	54,4	751	45,6

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

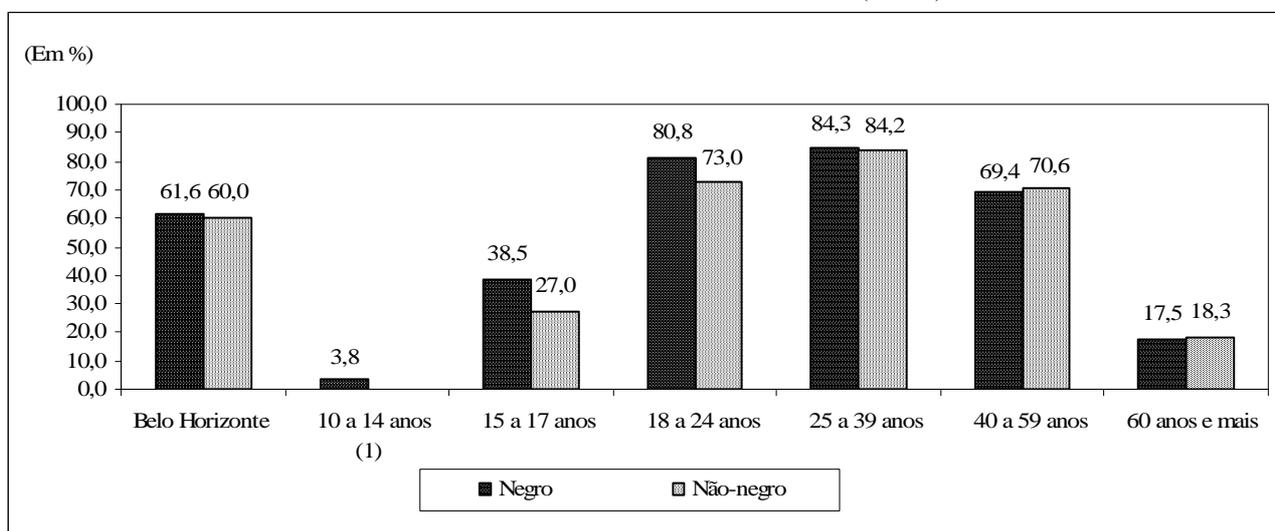
Nota: negro corresponde às pessoas de cor preta e parda; não-negro, às de cor branca e amarela.

Além do desemprego, a maior precariedade dos negros no mercado de trabalho foi evidenciada, entre os ocupados, pela sua proporção de trabalhadores homens na construção civil (15,1%) e de mulheres no emprego doméstico (23,7%). Adiciona-se a isso, o fato dos ocupados negros, sobretudo do sexo feminino, serem mais fragilizados por estarem mais inseridos nas ocupações sob formas à margem da contratação padrão, tais como o assalariamento sem carteira assinada.

Como resultado desses diferenciais de inserção no mercado de trabalho, constatou-se que o rendimento médio dos negros, equivalente a R\$ 803, era expressivamente inferior ao dos não-negros (R\$ 1.283). A análise de 2007 sobre níveis de instrução demonstra que o aumento da escolarização pode propiciar acesso dos negros a ocupações mais qualificadas e com maiores rendimentos, embora os resultados também mostrem persistência de diferenças substanciais de rendimentos por cor entre os mais instruídos.

Como nos anos anteriores, os negros estavam mais inseridos na força de trabalho que os não-negros, em 2007, conforme mostra a taxa de participação, que mede a razão entre as pessoas pertencentes à força de trabalho e a população total de 10 anos e mais, uma vez que essa taxa foi ligeiramente maior entre os negros (61,6%) que os não-negros (60,0%). Essa diferença está refletindo, particularmente, a entrada precoce de negros no mercado de trabalho (graf. 1), na medida em que a participação dos negros era expressivamente maior que as dos não-negros entre os mais jovens, de 15 aos 17 anos (38,5% e 27,0%, respectivamente) e 18 a 24 anos (80,8% e 73,0%, respectivamente). No ápice da vida produtiva, porém, particularmente entre os 25 e 59 anos, as taxas de participação de negros e não-negros eram relativamente próximas. Nas faixas etárias superiores, diferentemente das demais regiões metropolitanas analisadas pela PED, a inserção dos negros se reduzia mais acentuadamente que entre os não-negros.

**GRÁFICO 1 – TAXAS DE PARTICIPAÇÃO, SEGUNDO COR E FAIXAS ETÁRIAS
REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007**



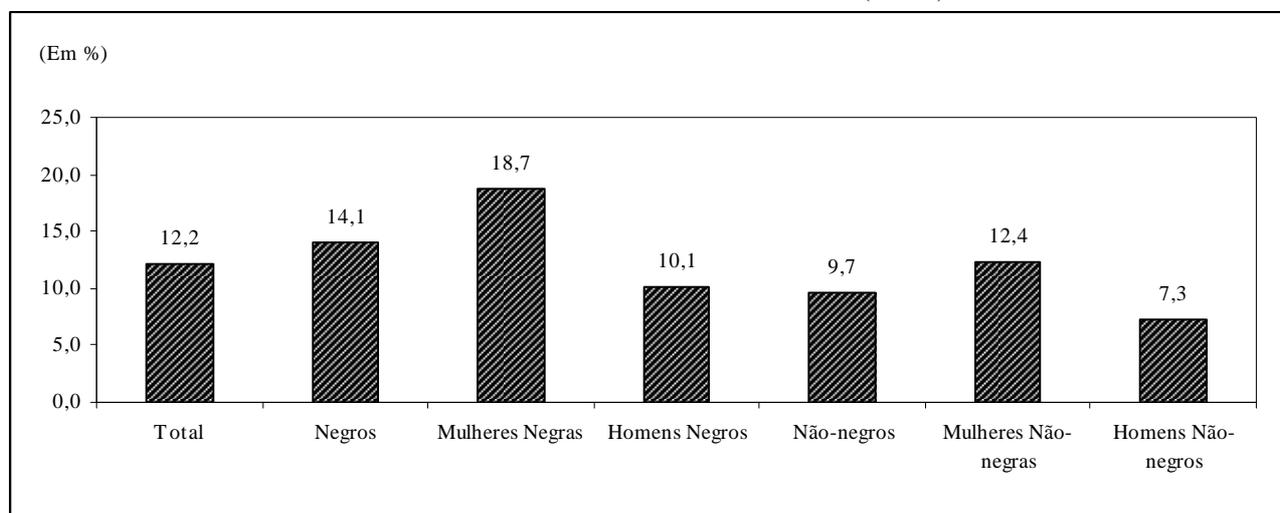
Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

Nota: negro corresponde às pessoas de cor preta e parda; não-negro, às de cor branca e amarela.

(1) A amostra não comporta a desagregação para a categoria não-negra nesta faixa etária.

Apesar de mais inseridos na força de trabalho, os negros encontram mais obstáculos na conquista de uma ocupação que os não-negros, dadas às diferenças de taxas de desemprego. Quando se observa a taxa de desemprego total, segundo o atributo cor, constata-se que os negros registravam taxas mais elevadas, o que é também evidenciado desde o início da pesquisa na RMBH, em 1996. Em 2007, a taxa ficou em 14,1% entre os indivíduos negros e 9,7% entre os não-negros. As mulheres negras, que enfrentam a dupla discriminação por sexo e cor, foram as que registraram maiores dificuldades na busca por uma ocupação, neste último ano, por apresentarem a taxa de desemprego mais elevada (18,7%), se comparada a todos os outros segmentos. Em situação oposta estavam os homens não-negros, com a menor taxa (7,3%) (graf. 2).

**GRÁFICO 2 – TAXAS DE DESEMPREGO TOTAL, SEGUNDO COR E SEXO
REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007**



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

Nota: negro corresponde às pessoas de cor preta e parda; não-negro, às de cor branca e amarela.

O setor de serviços representou cerca de metade de todos os trabalhadores, sendo 49,7% dos ocupados negros e 59,8% dos não-negros. A presença dos negros na construção civil (8,6%) superou a de não-negros (4,7%). Neste setor, tipicamente masculino, onde se encontram tanto engenheiros como profissionais de escolaridade mais baixa, estavam 15,1% dos homens pretos e pardos e 7,9% dos brancos e amarelos. O emprego doméstico, tipicamente feminino e onde não se exige nível de instrução muito elevado, absorveu, em 2007, 23,7% das mulheres negras, e 9,0%, das não-negras. Além dos setores já mencionados, a indústria também se destacava por absorver parcela maior de ocupados entre os negros (15,7%) que entre os não-negros (14,9%), embora isso se desse em menor intensidade (tab. 2).

**TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS, POR COR E SEXO, SEGUNDO SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA
REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007
(EM PORCENTAGEM)**

SETOR DE ATIVIDADE	TOTAL	COR E SEXO					
		NEGRO			NÃO-NEGRO		
		Total	mulheres	homens	Total	mulheres	homens
Total	100,0						
Indústria	15,4	15,7	9,7	20,6	14,9	10,8	18,4
Comércio	15,1	14,6	13,5	15,5	15,7	15,4	16,0
Serviços	54,2	49,7	52,4	47,5	59,8	63,4	56,6
Construção civil (1)	6,8	8,6	(3)	15,1	4,7	(3)	7,9
Emprego doméstico	8,0	10,9	23,7	(3)	4,4	9,0	(3)
Outros (2)	0,5	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

Nota: negro corresponde às pessoas de cor preta e parda; não-negro, às de cor branca e amarela.

(1) Inclui reformas e reparação de edifícios. (2) Inclui Agricultura, Pecuária, Extração vegetal e Outras atividades não-classificadas. (3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

A década atual tem sido marcada pelo aumento da contratação formalizada, que se intensificou nos últimos quatro anos. Em 2007, 75,6% dos empregados estavam dentro da contratação padrão, sendo esse percentual pouco maior entre os não-negros (75,9%) *vis-à-vis* os negros (75,4%). As diferenças por cor, contudo, eram mais nítidas observando-se as componentes desta forma de contratação, uma vez que os negros eram mais empregados naquelas formas com menores salários, na média, ao passo que as com maiores rendimentos eram mais frequentes entre os não-negros. Assim, enquanto entre os negros a contratação com carteira assinada no setor privado (63,3%) era maior que entre os não-negros (58,6%), o inverso ocorria com a proporção de estatutários, que era maior entre os não-negros (14,0%) que entre os negros (9,6%) (tab. 3).

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS POSTOS DE TRABALHO GERADOS PELAS EMPRESAS, POR COR, SEGUNDO FORMAS DE CONTRATAÇÃO – REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007 (EM PORCENTAGEM)

FORMAS DE CONTRATAÇÃO	TOTAL	NEGRO	NÃO-NEGRO
Total de postos de trabalho	100,0	100,0	100,0
Contratação padrão	75,6	75,4	75,9
Assalariados contratados diretamente			
Com carteira - setor privado	61,1	63,3	58,6
Com carteira - setor público	2,9	2,5	3,3
Estatutário	11,6	9,6	14,0
Outras formas de contratação	24,4	24,6	24,1
Assalariados contratados diretamente			
Sem carteira - setor privado	11,8	12,3	11,3
Sem carteira - setor público	3,7	3,1	4,4
Assalariados subcontratados	3,7	4,6	2,7
Autônomos para uma empresa	5,1	4,6	5,7

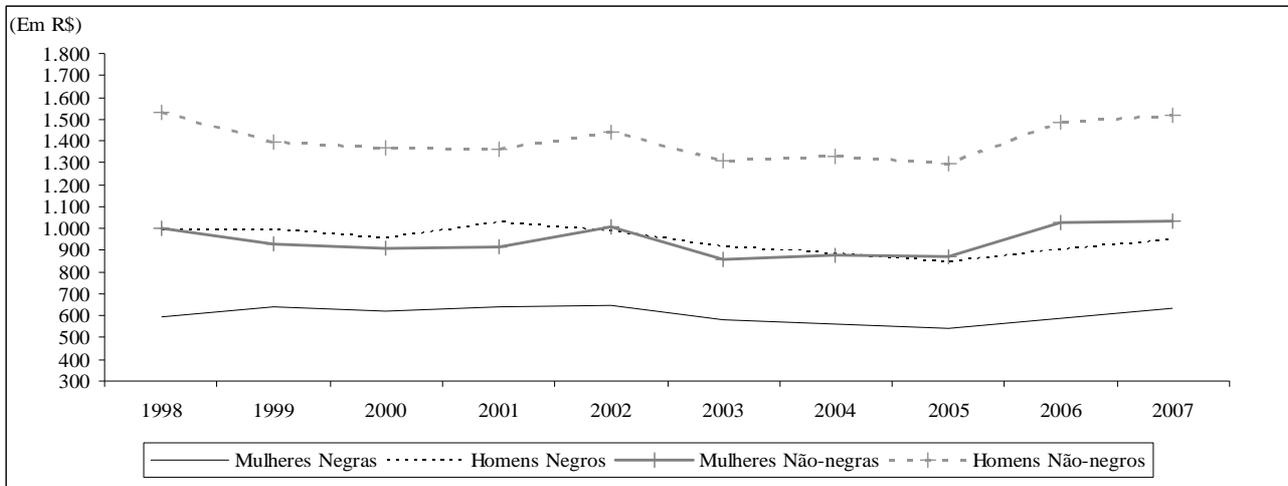
Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

Nota: negro corresponde às pessoas de cor preta e parda; não-negro, às de cor branca e amarela.

Dentre as outras formas de contratação, sobressaíam entre os negros os empregados sem carteira no setor privado (12,3%) e os assalariados subcontratados (4,6%). Para os não-negros, 11,3% eram assalariados no setor privado sem registro em carteira, 5,7%, autônomos que prestavam serviços para uma empresa, e 2,7% eram subcontratados.

Em 2007, as mulheres negras tinham o menor rendimento médio na análise dos segmentos de cor e sexo, equivalente a R\$ 637, que correspondia a 42,0% do rendimento dos homens não-negros, que tinham o maior rendimento médio (R\$ 1.517). Em situação intermediária estavam os homens negros (R\$ 946) e as mulheres não-negras (R\$ 1.032). Em relação à evolução do rendimento real médio dos ocupados, desde 1998, houve redução das diferenças, pois somente as mulheres apresentaram ganhos, e as negras um pouco mais que as não-negras. Comparado aos rendimentos de 2006, todos os ocupados tiveram aumentos em seus rendimentos. O rendimento real médio das mulheres negras elevou-se em 8,7%, dos homens negros, em 4,9%, das não-negras, uma variação de 0,5%, e dos homens não-negros, 1,9% (graf. 3).

**GRÁFICO 3 – RENDIMENTO MÉDIO REAL DO OCUPADOS NO TRABALHO PRINCIPAL, SEGUNDO COR E SEXO
REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 1998-2007
(EM REAIS DE JULHO DE 2008)**

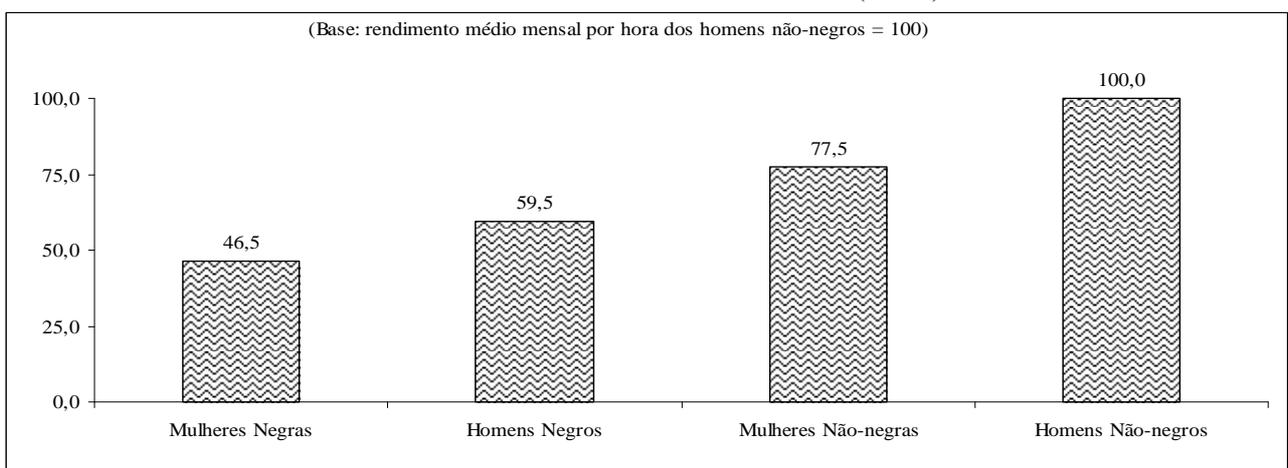


Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

Notas: a) negro corresponde às pessoas de cor preta e parda; não-negro, às de cor branca e amarela; b) *Inflator utilizado*: IPCA-BH (Ipead); c) exclusiva os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

A análise dos ganhos por hora dos trabalhadores permite tornar mais acurada a medida de desigualdade por cor do que pelo rendimento mensal, pois sobre a remuneração mensal menor recebida pelos negros, incidia diferentes jornadas de trabalho. Em 2007, os homens negros ganhavam em média, R\$ 5,14 por hora trabalhada, os não-negros, R\$ 8,64, as mulheres negras, R\$ 4,02, e as não-negras, R\$ 6,70. Ao tomar como base o rendimento médio real por hora dos homens não-negros, as mulheres negras recebiam, em média, 46,5% deste valor, os homens negros, 59,5%, as mulheres não-negras, 77,5% (graf. 4).

**GRÁFICO 4 – ÍNDICE DO RENDIMENTO MÉDIO MENSAL POR HORA, SEGUNDO COR E SEXO
REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007**

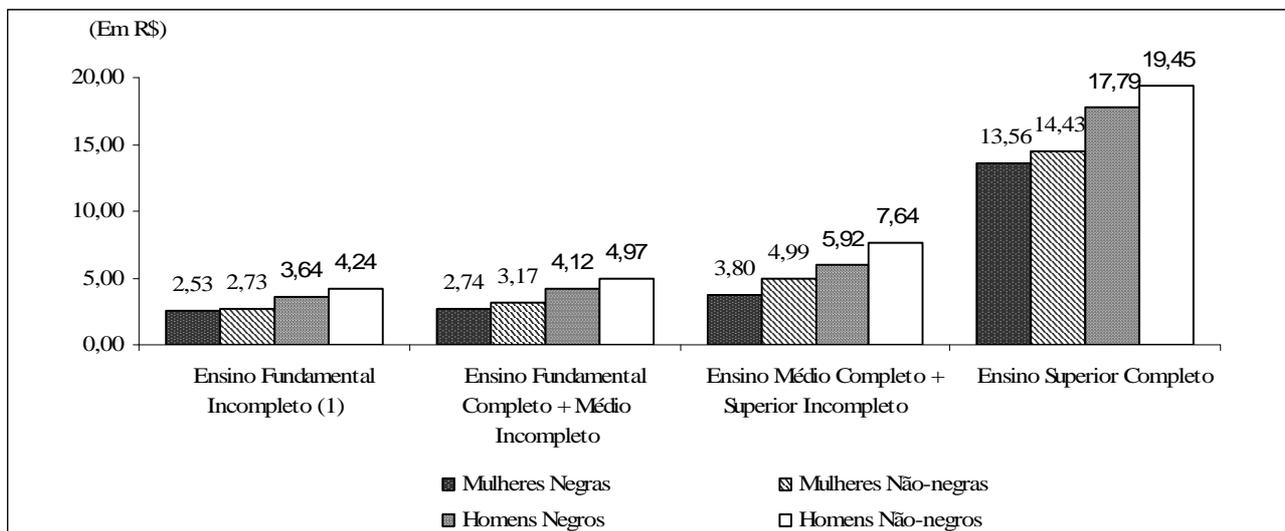


Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

Notas: a) negro corresponde às pessoas de cor preta e parda; não-negro, às de cor branca e amarela; b) *Inflator utilizado*: IPCA-BH (Ipead). Valores em reais de julho de 2008; c) exclusiva os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

Ao se analisar o rendimento real médio por hora, segundo a escolaridade dos ocupados, comprovou-se a importância desta variável na relação com a melhora da qualidade da ocupação, aqui inferida pelos rendimentos, uma vez que se observou que quanto maior o nível de instrução, maiores eram os rendimentos. Entre os ocupados com o ensino superior completo, o rendimento médio chegava a ser cinco vezes superior aos valores recebidos pelos trabalhadores com ensino fundamental incompleto. Seguindo esta comparação, o rendimento para as mulheres negras chega a se elevar em 5,4 vezes, para os homens negros, em 4,9, para as mulheres não-negras, em 5,3, e para os homens não-negros, em 4,6 vezes. Apesar disso, as disparidades de renda não se reduziam substancialmente nos níveis de escolarização maiores, ocorrendo, em alguns casos, ampliação dessas diferenças (graf. 5).

GRÁFICO 5 – RENDIMENTO MÉDIO REAL POR HORA DOS OCUPADOS NO TRABALHO PRINCIPAL, SEGUNDO COR E NÍVEIS DE ESCOLARIDADE REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007 (EM REAIS DE JULHO DE 2008)



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

Notas: a) negro corresponde às pessoas de cor preta e parda; não-negro, às de cor branca e amarela; b) *Inflator utilizado*: IPCA-BH (Ipead); c) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

(1) Inclui alfabetizados sem escolaridade.

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

Metodologia:

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados/Seade/Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos/Dieese

Apoio:

Ministério do Trabalho e Emprego - MTE/ Fundo do Amparo ao Trabalhador – FAT

Regiões Metropolitanas

Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social de Minas Gerais – Sedese/Sine-MG; Fundação João Pinheiro – FJP.

Distrito Federal: Secretaria de Estado do Trabalho do Distrito Federal; Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese.

Porto Alegre: Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social do Estado do Rio Grande do Sul; Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul; Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social – FGTAS/Sine-RS; Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser – FEE; Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Recife: Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania do Estado de Pernambuco/Agência do Trabalho; Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Município do Recife; Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese.

Salvador: Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia – Setre; Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia – Seplan; Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI; Universidade Federal da Bahia – UFBA; Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese.

São Paulo: Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo – SEP; Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo – SERT; Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade.